

# ALFABETIZAÇÃO *e Letramento*

## Unidade 1 Fundamentos da alfabetização e letramento

Organizadoras:  
Prof<sup>a</sup>. Bethania Medeiros Geremias  
Prof<sup>a</sup>. Silvana Claudia dos Santos



**UFV**Universidade  
Federal de Viçosa**Reitor:** Demetrius David da Silva  
**Vice-Reitora:** Rejane Nascentes**cead**UFVCoordenadoria de  
Educação Aberta e a Distância**Diretor:** Francisco de Assis de Carvalho Pinto  
Campus Universitário, s/n. - Viçosa/MG.  
CEP: 36570-900 - Telefone: (31) 3612 1251  
e-mail: [cead@ufv.br](mailto:cead@ufv.br)**Organizadoras:** Prof<sup>ª</sup>. Bethania Medeiros Geremias e Prof<sup>ª</sup>. Silvana Claudia dos Santos  
**Revisão Técnica:** Ana Victória Dal-cin Santolin e Cristiane Oliveira Correia Fernandes**Identidade Visual:** Ennio Venancio de C. Nascimento e Antônio dos Santos**Layout e Diagramação:** Antônio dos Santos**Coordenação Editorial:** Pedro Eni Lourenço Rodrigues**Foto Capa:** *Image by Freepik*Ficha catalográfica elaborada pela Seção de Catalogação e Classificação  
da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa – Campus Viçosa

M488f  
2023

Geremias, Bethania Medeiros, 1973-  
Fundamentos da alfabetização e letramento [recurso eletrônico]  
/ Bethania Medeiros Geremias [e] Silvana Claudia dos Santos --  
Viçosa, MG : UFV, CEAD, 2023.  
1 apostila eletrônica (33 p.) : il. (algumas color.). -- (Alfabetização  
e letramento ; módulo 1)

Disponível em: <https://portalead.cead.ufv.br>  
Inclui bibliografia.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Língua materna. 4.  
Alfabetização matemática. I. Santos, Silvana Claudia dos, 1980-.  
II. Universidade Federal de Viçosa. Coordenadoria de Educação  
Aberta e à Distância. III. Título. IV. Série.

CDD 22. ed. 372.4

Bibliotecária responsável: Bruna Silva CRB6/2552

**Responsabilidade legal pelo conteúdo, direitos autorais e incentivo à reprodução**

Todo o conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo à UFV ou à Cead responder por qualquer implicação legal. Todo o conteúdo desta apostila é de acesso público e gratuito, tendo como finalidades o debate e a divulgação ampla do conhecimento, sendo permitido e incentivado a sua reprodução com fins exclusivamente educacionais, culturais, científicos e não-comerciais, desde que citados seus autores com a referência bibliográfica completa.



Este obra está licenciado com uma Licença  
*Creative Commons Atribuição Não Comercial  
Compartilha Igual 4.0 Internacional.*



# ALFABETIZAÇÃO *e Letramento*

## Apresentação

Olá, pessoal! Nesta primeira Unidade do curso, abordaremos dois conceitos essenciais: alfabetização e letramento. Exploraremos a diferença entre eles e sua integração na prática pedagógica, explorando algumas bases teóricas. Também discutiremos a Pedagogia dos Multiletramentos, que envolve diferentes formas de linguagem e comunicação na sociedade atual e o papel do professor na promoção da multimodalidade em sala de aula. Por fim, abordaremos a alfabetização matemática na perspectiva do letramento, conceituando e refletindo sobre a atuação do professor.

Bons estudos, boas aprendizagens e um ótimo curso a todos e todas!

Prof<sup>a</sup>. Bethania Medeiros Geremias  
Prof<sup>a</sup>. Silvana Claudia dos Santos

# Sumário

1. Conceitos e diferenças de alfabetização e letramento .....	3
2. Alfabetizar e letrar: facetas inseparáveis no ensino da leitura e da escrita .....	10
3. Multiletramentos: as múltiplas linguagens na sala de aula .....	18
4. Alfabetização e letramento matemático .....	22
Resumo da unidade .....	29
Referências bibliográficas .....	30

# 1. Conceitos e diferenças de alfabetização e letramento

Autora: Bethania Medeiros Geremias

## Objetivos:

- Entender os conceitos de alfabetização e letramento e suas diferenças;
- Conhecer as bases teóricas que fundamentam esses conceitos.



## Sugestão de leitura

Ao estudarmos as diferenças conceituais entre alfabetização e letramento é preciso, primeiramente, refletir sobre outros conceitos envolvidos nos dois processos, tal como propõe Magda Soares, no livro **“Letramento: um tema em três gêneros”**.



**Dica:** Você pode assistir a um vídeo de apresentação da obra no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ujLE9nRgQjw>

Imaginamos que, talvez, você já tenha ouvido falar dessa autora ou mesmo que já tenha lido este livro ou parte dele. Estamos corretas?

Sugerimos, nesse momento, que você, sem consultar o livro de Magda Soares “Letramento: um tema em três gêneros” ou qualquer outro material, resgate suas memórias de leituras realizadas anteriormente e responda: Você já ouviu falar da autora ou da obra? Se sim, escreva de forma bem resumida sobre o que você lembra da discussão realizada por ela. Se nunca leu ou ouviu falar não tem problema, responda com sinceridade nas linhas abaixo.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Curso de Alfabetização e Letramento

Bom... agora que você já escreveu um pouco sobre suas memórias de leitura deste livro, vamos abordar alguns termos, destacados por Magda Soares, que estão relacionados com os conceitos de *alfabetização* e *letramento*. Posteriormente, aprofundaremos um pouco mais suas definições, posto que diferenciar a ação de alfabetizar e letrar é fundamental para os professores e estudiosos do campo da alfabetização.

Conhecer esses diferentes termos será importante ao longo do curso, pois outras áreas de conhecimento, como a matemática, também buscam embasamento nessas discussões para propor reflexões sobre os sentidos de se alfabetizar e letrar em seus campos de ensino.

Alguns verbetes que comumente utilizamos ao referenciar o ensino da língua materna são, muitas vezes, compreendidos como correlatos à alfabetização e ao letramento. Para Magda Soares, esta variedade de palavras e conceitos, pertencentes ao mesmo campo semântico, precisam ser discutidas com profundidade por estudiosos e professores da alfabetização, pois elas podem gerar algumas dificuldades de compreensão sobre os sentidos dos termos Alfabetização e Letramento, no âmbito da formação docente e do ensino da leitura e da escrita.

Ao se basear em definições dicionarizadas, a autora chama a atenção para o fato de que os sentidos das palavras estão em constante transformação. Em seu livro são apresentados e discutidos por ela os seguintes termos familiares: **Analfabetismo**; **Analfabeto**; **Alfabetizar**; **Alfabetização**; **Alfabetizado**; **Letrado**; e **Iletrado**.

Você já parou para pensar sobre os significados desses termos e suas diferenças? Se nunca parou para pensar sobre isso, não tem problema, este é o momento. Vamos às definições abordadas e discutidas por Magda Soares ao longo do seu livro, com o intuito de refletir sobre o sentido de letramento que buscamos construir com vocês.



**Analfabeto** - Composta pelo prefixo grego a(n) – que indica privação ou falta de algo - e pela palavra alfabeto. No sentido literal do termo, o analfabeto “é aquele que é privado do alfabeto, a que falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever” (SOARES, 2001, p. 30).

**Analfabetismo** - A palavra é composta pelo mesmo prefixo a(n), agregando o sufixo **ismo** – que designa um modo de proceder e pensar. Este termo designa, assim, uma condição, um estado ou um modo de proceder de quem é analfabeto.



### Saiba mais!

Visite o site do Glossário CEALE, no qual são apresentadas definições de Termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores. <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/> Este glossário e sua atualização permanente é uma iniciativa do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.





### Sugestão de leitura

Emília Ferreiro, uma das principais pesquisadoras sobre os processos de aquisição da leitura e da escrita, organizou um livro bastante intrigante intitulado *“Os filhos do analfabetismo: propostas para a alfabetização escolar na América Latina”*. Apesar da obra ter sido publicada na década de 1990, algumas reflexões que ela levanta ainda são pertinentes nos dias de hoje, quando as **Políticas Públicas de Alfabetização**, promovidas pelo Ministério de Educação brasileiro destes últimos anos, trazem avanços e retrocessos.

O livro traz um apanhado de discussões resultantes de um encontro latino-americano, realizado no México, em 1987, em defesa do direito à alfabetização das crianças latino-americanas. Vejamos alguns trechos do texto da introdução desta obra escrita por Emília Ferreiro (1990).



O centro das atenções foram aquelas crianças que, **mesmo tendo acesso à escola pública, permanecem pouco tempo nela**; não apenas pela necessidade de se incorporarem a atividades produtivas, mas também porque, de uma ou outra maneira, **começam mal incorporadas à instituição, e terminam sendo expulsas por um sistema educacional que não sabe alfabetizá-las**. Não nos interessa saber como se daria alfabetizar melhor a quem será alfabetizado de qualquer maneira (os filhos da classe média e alta), mas sim **saber como se poderia alfabetizar melhor a quem, depois de passar algum tempo na escola pública, terminará engrossando as fileiras dos analfabetos do futuro** [...].

Por mais bem sucedidas que sejam as campanhas de alfabetização de adultos, **não há garantia de se alcançar porcentagens elevadas e permanentes enquanto a escola primária não cumprir de maneira eficaz seu papel de alfabetizadora**. Enquanto a escola primária continuar expulsando grupos consideráveis de crianças a quem não consegue alfabetizar, continuar-se-á produzindo o analfabetismo dos adultos”.

E afirma ainda que a escola primária, mesmo aquela “com professores mal pagos e pouco capacitados [...] continua sendo a instância alfabetizadora de peso na região” [referindo-se ao contexto da América-Latina]

### Saiba mais!

Sobre **Políticas Públicas de Alfabetização** nacional consulte:

1. Política Nacional de Alfabetização (PNA), mais recente, instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, consultar a página do Ministério da Educação. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/>.

2. Dossiê: "Diálogos sobre alfabetização: das políticas públicas ao cotidiano escolar". Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/issue/view/2176>
3. Artigo: SCLIAR-CABRAL, Leonor. Políticas públicas de alfabetização. In: Psycholinguistics: implications for the classroom, v. 72, n. 3., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jides/a/XCzXSxcLFKVYFrD3XM567Hb/?format=pdf&lang=pt>

Após a leitura destes trechos é importante que você realize uma autoanálise de sua prática e pense sobre a sua implicação, como educadora, na vida das crianças de escolas públicas, portanto, de classes populares. Para auxiliar nessa reflexão e nas respostas às questões problematizadoras abaixo, assista ao Curta-Metragem Meu Amigo Nietzsche.



### Hora da pipoca!



**Sinopse:** O curta-metragem “**Meu amigo Nietzsche**” conta a história do jovem menino Lucas, um migrante nordestino que vive com sua família na periferia de Brasília e apresenta dificuldades em seu aprendizado. De um modo geral, o vídeo aborda a importância da leitura e da escrita na vida dos sujeitos e o papel das interações sociais, que condicionam de modo positivo ou negativo esse processo.

**Ficha técnica:** Ano: 2012. Gênero: curta-metragem. Direção: Fáusto da Silva, com André Araújo Bezerra, Juliana Drummond, Abaetê Queiroz, Alessandra da Silva, Andrade Jr., Simone Marcelo, Alex Ferro, Ana Cristina França, Mariana Nunes, André Deca e Larissa Carvalho. Duração: 15 min. Classificação Indicativa: Livre.

**Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=FroyMvgYfm0>

Agora, reflita sobre as questões abaixo:

- Conheço a realidade social das crianças para as quais leciono?
- Levo em conta as condições materiais em que elas vivem e busco soluções didáticas e pedagógicas para que estas crianças sejam alfabetizadas?

## Curso de Alfabetização e Letramento

- Que contribuições mais imediatas esta ou outras formações continuadas podem trazer para minha prática profissional, considerando o contexto da(s) escola(s) pública(s) nas quais leciono?
- Como posso contribuir, efetivamente, para que todas as crianças tenham, além de acesso à escola, uma alfabetização efetiva e que atenda às suas peculiaridades?
- Quais as limitações que encontro ao alfabetizar crianças de classes populares? Quais são possíveis de superar em âmbito mais estrito de sala de aula?
- Que ações devo ou posso realizar para que meus alunos das classes de alfabetização sejam verdadeiramente incluídos e aprendam a ler e a escrever, ao mesmo tempo em que desenvolvem o pensamento crítico e autonomia em sua vida cotidiana?

Continuaremos apresentando e discutindo, logo em seguida, os diferentes verbetes, presentes no **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, que são associados à alfabetização e letramento. Porém, destacamos que o exercício de reflexão sobre estas questões acima é fundamental para que saibamos de onde partir, o que precisamos fazer e como devemos agir enquanto responsáveis – no âmbito escolar – pela inserção das crianças no mundo da leitura e da escrita, para que sejam não somente alfabetizados, mas também letrados, no sentido que abordaremos mais à frente na discussão sobre alfabetização com letramento.

Agora que já introduzimos algumas discussões sobre os sentidos de analfabeto e de analfabetismo, vamos continuar dialogando com Magda Soares (2001, p. 31) e com você sobre os significados dos termos *alfabetizar*, *alfabetização*; *alfabetizado* e *alfabetismo*.



**Alfabetizar:** (alfabet + izar). O sufixo izar deste verbo que tanto conhecemos faz referência a fazer algo, tornar alguém alfabetizado, ou seja, “capaz de ler e escrever”.

**Alfabetização:** (alfabet + iza(r) + ção). Para tornar alguém capaz de ler e escrever, ou seja, precisamos realizar ações específicas. O sufixo ção, neste caso forma um substantivo que indica a “ação de alfabetizar, de tornar alguém alfabeto”.

Por conseguinte, é considerado **Alfabetizado**, no sentido literal do termo, o indivíduo que conhece/domina o alfabeto e sabe, portanto, ler e escrever, mas ainda não adquiriu “o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam” (SOARES, 2001, p.19)

Magda Soares, em certo momento da discussão sobre os sentidos das palavras que compõem o universo vocabular em torno do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, levanta uma provocação sobre o emprego e uso cotidiano do termo ALFABETO, que acreditamos ser relevante para refletirmos:



Causa estranheza o uso dessa palavra “alfabeto”, na expressão “tornar alfabeto”. É que dispomos da palavra analfabeto, mas não temos o contrário dela: temos a palavra negativa, mas não temos a palavra positiva (SOARES, 2001).

Do mesmo modo, a palavra **ALFABETISMO**, presente no **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** e, conceituada como “*o estado ou condição de quem é alfabetizado*”, tampouco é de uso corrente. O silenciamento dessas palavras na sociedade e mesmo nos espaços educacionais é realmente surpreendente. Não acham?

Os efeitos do pouco uso dessas palavras que designam, de um lado, os indivíduos que sabem ler e escrever: os alfabetos e, de outro, o estado ou a condição de quem é alfabetizado: o alfabetismo, devem ser problematizados por nós educadores.

Convidamos vocês, mais uma vez, a refletirem conosco sobre estas questões. Vocês podem pesquisar na internet textos que embasam suas respostas e registrar nas linhas seguintes.

- Por que os substantivos que indicam a falta - analfabeto e analfabetismo - são mais utilizados socialmente do que aqueles que denotam o sentido positivo dos termos alfabeto e alfabetismo?
- O que significa ser alfabetizado num mundo em constante mudança e que exige das pessoas mais do que o domínio do sistema alfabético?

# 2. Alfabetizar e letrar: facetas inseparáveis no ensino da leitura e da escrita

**Autora: Bethania Medeiros Geremias**

## Objetivos:

- Saber delimitar as ações e estratégias do alfabetizar e do letrar;
- Reconhecer a relevância de alfabetizar letrando, de modo a integrar processos de alfabetização e letramento na prática pedagógica cotidiana.

## 1. Alfabetização: a ação de tornar alfabeto

Como vimos anteriormente, a alfabetização é compreendida como a ação de alfabetizar, isto é, levar o outro a adquirir a tecnologia da escrita e da leitura, ou seja, “codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita” (SOARES, 2001, p. 31). Porém, não se trata apenas do aprendizado do alfabeto, mas de todo o processo que envolve a aquisição da língua escrita.



A escrita é um dos elementos importantes e fundamentais para o desenvolvimento cultural da criança, porque desde cedo ela se vê em contato com a cultura escrita, mesmo antes de frequentar uma instituição escolar, ou seja, a aquisição da escrita é um processo de construção do sujeito em interação com o ambiente social. Portanto, sendo estimulada, desde pequena, a utilizar lápis e papel, é possível perceber diversas tentativas de escrita realizadas pela criança ao traçar pequenos círculos, linhas verticais ou ainda traços indistintos, o que representa a descoberta da função simbólica da escrita. A partir deste momento, a criança começa a percorrer um caminho progressivo, por meio da combinação arbitrária de signos até que em determinado momento sua escrita assume uma função comunicativa (SANTOS; ARAÚJO; SANTOS, 2018, p. 3).

Sobre o conceito de alfabetização, Magda Soares escreve no Glossário CEALE o seguinte:



A palavra alfabetização é de uso comum e frequente, não só no léxico específico de profissionais do ensino e da Educação, mas também no léxico de todos os indivíduos, alfabetizados ou não, de uma sociedade letrada. Entre estes últimos, há em geral concordância quanto ao conceito que a palavra alfabetização nomeia: pergunte-se a qualquer pessoa o que é alfabetização, e a resposta dificilmente será outra que não a de que alfabetização é “o processo de ensinar a ler e a escrever”. [...] Assim, a alfabetização, atualmente, é

entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – o sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego.

**Não se trata, porém, como frequentemente se supõe, de aquisição de um código;** um código é, em seu sentido próprio, um sistema que substitui os signos de um outro sistema já existente; ao contrário, o sistema alfabético não é um sistema de substituição de um outro sistema preexistente: é um sistema de grafemas que representam sons da fala, os fonemas, portanto, um sistema de representação, não um código. É esse sistema de representação que se materializa no sistema alfabético, que é um sistema notacional: ao compreender o que a escrita representa (a cadeia sonora da fala, não seu conteúdo semântico), é preciso também aprender a notação – os grafemas – com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons mínimos da fala – os fonemas.

Em síntese, **alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções**, ou seja, **a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala**. É importante destacar que, na prática pedagógica, a aprendizagem da língua escrita, ainda que inicial, deve ser tratada como uma totalidade.

A alfabetização é um processo fundamental na educação de crianças da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois ela é a base para que os estudantes desenvolvam habilidades de leitura, escrita e compreensão de textos.

Neste processo contínuo e cumulativo de aquisição da língua escrita, os alunos necessitam explorar diferentes **gêneros textuais**, atividades lúdicas e pedagógicas, que os ajudem a desenvolver suas habilidades de escrita e leitura.



Segundo Bakhtin (1992), em seu livro intitulado “Estética da Criação Verbal”, os gêneros textuais, ou gêneros do discurso, se relacionam com o emprego da língua em forma de enunciados. Assim, cada enunciado se reflete em condições e finalidades específicas de cada campo, fazendo escolhas por um determinado conteúdo, estilo de linguagem e construção composicional. Dessa forma, cada campo de utilização da língua elabora seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1992), ou seja, os gêneros textuais. De acordo com Koch (2008), os gêneros textuais são, então, formas padrão e relativamente estáveis de estruturação. Além disso, o número de gêneros (orais ou escritos) não pode ser contabilizado, principalmente por serem práticas sociocomunicativas, o que faz com que sofram alterações e se multipliquem ao longo dos anos. Alguns exemplos de gêneros textuais são: carta, notícia, romance, fábula, crônica, biografia, poema e conto.

## Curso de Alfabetização e Letramento

Cabe aos professores que lecionam na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental – sobretudo nas classes de alfabetização – proporcionar um ambiente acolhedor e desafiador, em que os alunos se sintam seguros para aprender e experimentar diferentes possibilidades de ler e escrever. Assim, à medida em que os alunos avançam no seu desenvolvimento, adquirem novos conhecimentos sobre a língua e novas habilidades. Por isso, é necessário que os professores acompanhem de perto cada aluno, identificando suas dificuldades e oferecendo suporte para superá-las<sup>1</sup>.

Será que a alfabetização se limita apenas à sala de aula? Acreditamos que você, assim como nós, entende que este processo também deve ser estimulado fora dela. Por esta razão, é importante um diálogo permanente com a família dos alunos, pois a leitura em casa e o contato com diferentes materiais escritos, como jornais, revistas e livros, contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos. Mas, no âmbito específico da aquisição da escrita e da leitura, como podemos desenvolver as habilidades necessárias para que as crianças aprendam o funcionamento do sistema de representação/notação gráfica e fonética para escrever e ler com autonomia novas palavras e textos?

Vimos que Magda Soares delinea no quadro acima o conceito de alfabetização ao conceituá-lo como a “aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita – o sistema alfabético – e das normas que regem seu emprego”. Portanto, não é somente a aquisição de um código, pois o *sistema alfabético é um sistema de representação, que envolve o reconhecimento de grafemas que representam os fonemas, ou seja, os sons da fala*. Não se trata, porém, como frequentemente se supõe, de aquisição de um código.

Não vamos nos deter no estudo aprofundado desse **sistema de representação fonética**<sup>2</sup>, mas é importante que saibamos diferenciar letras de grafemas e grafemas de fonemas. Scliar-Cabral, pesquisadora da área da linguística aplicada aos processos de ensino-aprendizagem da leitura e escrita, faz um alerta para a importância de conhecermos essas distinções, pois “não é o alfabeto que representa os sons e, sim, os grafemas que representam os fonemas, nos sistemas alfabéticos (2019, p. 277).

## 2. Letramento: a condição de ser letrado

Vamos iniciar essa conversa com um lindo poema, escrito por uma estudante de origem asiática, mas de nacionalidade norte-americana, chamada Kate M. Chong. Este poema intitulado “**O que é letramento?**” está disponível no livro de Magda Soares (2001, p. 41-42):

Letramento não é um gancho  
em que se pendura cada som enunciado,  
não é treinamento repetitivo  
de uma habilidade,  
nem um martelo  
quebrando blocos de gramática.

1. Posteriormente, veremos sobre este processo, seus níveis, formas de acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e de intervenção pedagógica.

2. Veremos mais sobre esta questão, quando abordaremos os métodos de alfabetização.

Letramento é diversão é  
leitura à luz de vela, ou lá fora,  
à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,  
o tempo, os artistas da TV  
e mesmo Mônica e Cebolinha  
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
um bilhete de amor,  
telegramas de parabéns e cartas de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,  
sem deixar sua cama,  
é rir e chorar  
com personagens heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo, sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias e orientações em bulas de remédios,  
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem,  
um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser.

Como vimos no poema, o letramento não se limita apenas ao contexto escolar, mas está presente em diversas situações do cotidiano, como no acesso à informação, na participação em discussões e debates e na comunicação em diferentes ambientes sociais. Por isso, é importante que os professores proporcionem aos alunos experiências de leitura e escrita que sejam relevantes para suas vidas, estimulando a reflexão sobre a língua escrita e suas funções sociais.

O letramento consiste em um conceito complementar à alfabetização, que se refere à capacidade de utilizar a leitura e a escrita em diferentes contextos e situações sociais. Diferentemente da alfabetização, que se concentra no aprendizado do código escrito, o letramento envolve o uso social e prático da língua escrita.

Magda Soares (2001, p. 32), ao escrever sobre a utilização do termo letramento e sua origem, traz os significados dos termos *letrado* e *iletrado*, presentes no Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, alertando que não são esses sentidos que estão relacionados ao que tem sido dado nos estudos sobre letramento.



**Letrado** – Versado em letras, erudito

**Iletrado** – Que não tem conhecimentos literários

Será que o letramento tem a ver com essas definições? O que você acha? Vamos ver!

Como vimos anteriormente, apesar de existir em nossa língua o termo *alfabetismo* como um possível correspondente ao sentido de letramento, empregado hoje nos estudos sobre o ensino da língua materna, este acabou sendo pouco utilizado na área.

## Curso de Alfabetização e Letramento

Segundo nos conta Magda Soares (2001, p. 35 a 39), o termo *letramento* se origina da palavra inglesa *literacy*, que é definida como “a condição de quem é letrado”. Porém, não se trata do letrado compreendido em língua portuguesa como o indivíduo que é versado em letras ou erudito. O sentido de letrado, neste caso, é proveniente do uso que é dado em língua inglesa: *Literate* – “educado; especificamente, que tem a habilidade de ler e escrever” (p. 36).



**Literate**, é pois, o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, e **literacy** designa o estado ou a condição daquele que é literate, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. (SOARES, 2001, p. 36)

Assim, o indivíduo ou grupo social ao se alfabetizar, tem alterado “seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos” (p. 18).

Parece confuso, não? Mas, aos poucos vamos ampliando essa compreensão. Vejamos então o que diz a autora sobre o modo como o termo letramento foi sendo incorporado no Brasil nos estudos sobre o ensino e o aprendizado da língua portuguesa.

Essa incorporação da palavra letramento nos meios acadêmicos teve seu início na década de 1980, quando a linguista brasileira Mary Kato escreveu, em 1986, a obra “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Porém, sem ainda defini-la de modo claro. Somente em 1988 que a pesquisadora Leda Tfouni, ao escrever sobre adultos analfabetos, busca realizar uma distinção entre letramento e alfabetização. Na década de 1990, o emprego do termo começa a ser mais amplamente empregado e utilizado nos estudos sobre o ensino da língua materna, posto que o conceito de alfabetização, passou a ser concebido nos âmbitos acadêmicos como insuficiente frente às novas demandas sociais de leitura e escrita das sociedades modernas:



[...] Logo se reconheceu que essas duas competências – de um lado, saber ler e escrever, de outro lado, saber responder adequadamente às demandas sociais de uso da leitura e da escrita – envolviam processos linguísticos e cognitivos bastante diferentes; como consequência, passou-se a designar por uma outra palavra, letramento, o desenvolvimento de habilidades de uso social da leitura e da escrita, e a designar com a palavra alfabetização especificamente a aprendizagem de um sistema que converte a fala em representação gráfica, transformando a língua sonora – do falar e do ouvir – em língua visível – do escrever e do ler: a aprendizagem do sistema alfabético.

Os professores do ensino fundamental têm um papel importante na promoção do letramento dos alunos. Para isso, é necessário que compreendam o conceito de letramento, que implica em estimular habilidades como a capacidade de compreender e interpretar diferentes tipos de textos, de produzir textos adequados a diferentes contextos e situações, e de utilizar a leitura e escrita para resolver problemas e tomar decisões.



Malfada - Quino (Fonte: Reprodução/Internet)

Assim como na alfabetização, o processo de letramento é contínuo e cumulativo, e os professores devem acompanhar de perto o desempenho de cada aluno, identificando suas dificuldades e oferecendo suporte para superá-las. É fundamental que os professores desenvolvam estratégias pedagógicas que estimulem a prática do letramento, como a realização de projetos de leitura e escrita, a análise de diferentes gêneros textuais, e a produção de textos com diferentes finalidades e públicos.

Para desenvolver habilidades que possibilitem aos sujeitos fazerem uso competente e frequente da língua escrita, é necessário inserir em nossos planejamentos o trabalho com diferentes gêneros textuais, ou seja, atividades que considerem múltiplas práticas sociais letradas, tais como: contos; crônicas, poemas, biografias, diários, notícias, bilhetes, e-mails, blogs etc.

Veremos mais adiante, que o conceito de letramento(s), não é igual ao de multiletramento(s). O primeiro é mais genérico, implicando saber fazer uso de diferentes práticas sociais letradas (que podem ou não ser valorizadas na sociedade em geral). O segundo vai se preocupar com a inserção de práticas sociais mais contemporâneas, que consideram “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela [a população] se informa e se comunica” (ROJO, 2012, p. 13).

Dito de outro modo, implica abordar a diversidade cultural e de linguagem na escola, que nas sociedades contemporâneas se produzem de diferentes modos e com o uso de diferentes linguagens. Exemplos: animações, *stop motions*; videoclipes; mídias diversas, etc. Para tanto, é preciso considerar o importante trabalho que temos hoje de incluir os diferentes textos que circulam nos meios digitais.



**Stop Motions:** Técnica cinematográfica ou de animação que significa, em português “movimento parado”, que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento.

Em resumo, o letramento é um conceito que complementa a alfabetização, e se refere à capacidade de utilizar a leitura e escrita em diferentes contextos e situações sociais. Os professores têm um papel importante na promoção do letramento dos alunos, estimulando habilidades como a capacidade de compreender e interpretar diferentes tipos de textos, de produzir textos adequados a diferentes contextos e situações, e de utilizar a língua escrita para resolver problemas e tomar decisões.

### 3. Alfabetizar letrando: perspectiva integradora

Para compreendermos a importância de alfabetizar letrando, convidamos você a assistirem a uma fala da professora Magda Soares disponível no **Canal Alfalettar Cenpec**.



No vídeo **Alfabetização e Letramento**, Magda Soares aborda alguns dos conhecimentos necessários à formação do professor que deseja alfabetizar letrando. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=k5NFXwghLQ8&t=76s>

Como nos ensina Magda Soares, alfabetizar letrando é fundamental para que os alunos possam utilizar a leitura e a escrita de forma efetiva em diferentes contextos e situações sociais. Ao alfabetizar letrando, os alunos adquirem habilidades como a compreensão e interpretação de diferentes tipos de textos, a produção de textos adequados a diferentes contextos e situações e a utilização da leitura e escrita para resolver problemas e tomar decisões.

Vejamos o que diz Magda Soares sobre a integração da alfabetização com o letramento nas práticas pedagógicas alfabetizadoras:



A alfabetização deve integrar-se com o desenvolvimento das habilidades de uso do sistema alfabético – com o letramento; embora os dois processos tenham especificidades quanto a seus objetos de conhecimento e aos processos linguísticos e cognitivos de apropriação desses objetos, dissociá-los teria como consequência levar a criança a uma concepção distorcida e parcial da natureza e das funções da língua escrita em nossa cultura.

Deste modo, esta perspectiva da relevância de alfabetizar letrando é essencial para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos, permitindo a reflexão crítica sobre o mundo e o acesso a diferentes formas de conhecimento. Um trabalho de alfabetização que desconsidere os diferentes usos sociais da leitura e da escrita pode gerar limitações na participação social e na inserção dos estudantes no mundo do trabalho, além de contribuir para a exclusão e desigualdade social. Por isso, é importante que os professores alfabetizadores desenvolvam estratégias pedagógicas que proporcionem experiências de leitura e escrita relevantes e significativas para suas vidas.

No processo de alfabetizar letrando, é necessário trazer para a sala de aula variadas práticas sociais que envolvem o uso da língua escrita, desde a leitura e escrita de textos cotidianos até o uso de tecnologias digitais com a participação em diferentes contextos sociais e culturais.

Em um Seminário de Alfabetização e Letramento, ocorrido em 2006, a pesquisadora e professora Lúcia Lins Rego proferiu uma palestra na qual aborda as controvérsias em torno dessa discussão, afirmando a necessidade de uma proposta pedagógica que desenvolva esses dois aspectos da leitura e da escrita e que distribua o tempo pedagógico de modo a equilibrar atividades que estimulem a aprendizagem da língua, por meio de seus usos sociais e o sistema de escrita, inserindo atividades que também “estimulem a consciência

fonológica e evidencie de forma mais direta para a criança as relações existentes entre as unidades sonoras da palavra e sua forma gráfica. (REGO, 2023, p. 7).

Em síntese, alfabetizar letrando envolve a elaboração de propostas pedagógicas que desenvolvam habilidades de leitura, de escrita, de comunicação oral, de uso de tecnologias digitais, de raciocínio e de manipulação de símbolos e conceitos verbais e visuais.

Agora, trazemos alguns exemplos práticos do cotidiano das crianças que ilustram como o letramento pode ser integrado à alfabetização, permitindo que elas se comuniquem, se informem e se envolvam em diferentes práticas sociais.

A partir do trabalho com esses diferentes gêneros textuais, você pode programar atividades que desenvolvam a consciência fonológica com as crianças, integrando momentos de escrita de leitura e escrita de palavras e frases que são empregadas/utilizadas nesses materiais. Lembrando ser necessário considerar nesse planejamento, como veremos na segunda unidade, os diferentes níveis de hipótese de escrita em que as crianças se encontram.

### Sugestões de atividades práticas:

- **Leitura e escrita de receitas culinárias:** as crianças podem ler e escrever receitas para ajudar em tarefas domésticas ou para preparar alimentos que gostam;
- **Leitura e escrita de bilhetes e recados :** as crianças podem escrever bilhetes para os pais ou amigos, deixar recados na escola ou em casa, ou ler bilhetes deixados para elas;
- **Leitura de embalagens de produtos :** as crianças podem aprender a ler rótulos de alimentos, remédios ou produtos de higiene pessoal para se informar sobre seus ingredientes, prazo de validade e instruções de uso;
- **Participação em redes sociais e uso de aplicativos de mensagens:** as crianças podem aprender a utilizar essas ferramentas digitais para se comunicar com amigos e familiares, compartilhar informações e participar de grupos de interesse;
- **Leitura e escrita de cartas e e-mails:** as crianças podem aprender a escrever cartas e e-mails para familiares ou amigos que moram longe, compartilhando informações e experiências pessoais.



Agora que já refletiu um pouco sobre o que pode ser considerado multiletramentos, vamos aprofundar esse assunto e entender melhor esse conceito? Pois é... Uma pessoa que pode nos ensinar muito sobre isso é a professora e pesquisadora da Unicamp, Roxane Rojo, estudiosa do tema multiletramentos. Ela elucida esse conceito e nos explica sobre a importância de se considerar essa abordagem em sala de aula.



Assista a esse vídeo em que a Roxane destaca a diferença entre alfabetização e letramento, bem como a importância de se valorizar as práticas cotidianas de letramentos, ressaltando a necessidade de incluir os multiletramentos na escola. Clique aqui para assistir a 1ª parte: <https://www.youtube.com/watch?v=IRFrh3z5T5w>

De acordo com Rojo (2012), foi na década de 1990 que surgiu a demanda por uma pedagogia de multiletramentos, quando o Grupo de Nova Londres (GLN), composto por professores e pesquisadores, promoveu uma discussão acerca de uma proposta pedagógica que fosse adequada ao mundo contemporâneo, considerando a crescente complexidade das práticas sociais de leitura e escrita. Como resultado, surgiu o documento intitulado “Uma pedagogia de multiletramentos: projetando futuros sociais.”

Para essa mesma autora, o conceito de multiletramentos se relaciona tanto com a multiplicidade cultural das populações quanto com a multiplicidade semiótica da construção dos textos. Assim, os multiletramentos abordam a multiplicidade de sistemas simbólicos presentes na construção dos textos.

Nesse sentido, Buhr e Paiva (2021) definem os multiletramentos como uma abordagem que considera os múltiplos contextos em que utilizamos nossas habilidades de leitura e escrita, levando em conta as diversas situações comunicativas que surgem constantemente. Dessa forma, os multiletramentos não foca apenas nas habilidades básicas de leitura e escrita, mas considera as diferentes formas de linguagem e os diversos contextos em que essas habilidades são utilizadas.

Segundo Ferraz (2019), as formas de leitura foram potencializadas e transformadas pelas tecnologias digitais, que promovem a combinação de diferentes modalidades e formas de expressão textual, assim como a integração de mídias. Isso resulta no surgimento de gêneros textuais híbridos, nos quais ocorre a interligação de diferentes gêneros e elementos paratextuais, utilizando-se de diversas linguagens, como escrita, sons e imagens, alterando a construção de significado para os leitores.

Sousa (2019) reforça que, apesar dos avanços ocorridos na leitura no ambiente escolar recentemente, ainda existem defasagens entre a teoria e as práticas implementadas na sala de aula. Há uma tendência a padronizar as atividades de leitura, priorizando uma abordagem estruturalista que concebe a leitura apenas como uma forma de vocalização da escrita, enfatizando a decodificação em detrimento da construção de sentido do texto.

Considerando isso, o que você acha? Qual é o papel da escola na promoção dos multiletramentos?

## Curso de Alfabetização e Letramento

Nas palavras de Rojo (2013), “é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no **ciberespaço**<sup>3</sup> um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas”. (ROJO, 2013, p. 7).

Assim, a autora considera que as competências e capacidades de leitura e produção de textos precisam acompanhar as mudanças pelas quais passaram os textos da contemporaneidade, sendo fundamental abordar a hipertextualidade e as relações entre diversas linguagens presentes em um texto, evidenciando a importância de compreender os textos da hipermídia.



Os sistemas hipermídia são um meio de organizar um texto que descarta o processo de leitura sequencial nos moldes tradicionais e permitem que um conceito seja apresentado através de meios como som, imagem e vídeo, associados aos recursos que o texto confere. Nesta apresentação conceitual diferenciada, os sistemas hipermídia de aprendizagem permitem ainda que esta se faça em diferentes níveis de detalhes, que são livremente acessados pelos usuários, conforme as experiências e habilidades destes frente a um novo conceito. (REZENDE; COLA, 2004 p. 95)

Considerando, então, a importância dos multiletramentos na escola, o uso de Tecnologias Digitais são importantes no planejamento de aulas de todos os conteúdos. Para Oliveira (2017), o uso desses recursos tecnológicos no ensino da matemática, por exemplo, tanto no processo educativo como na produção de significados e conceitos matemáticos, possibilita a criação de um diálogo por meio das interações entre pensamentos, conceitos, imagens, mídias e ideias.



Para que estes momentos de comunicação e expressão sejam concretizados, necessita-se de sujeitos ativos, criativos, críticos e autônomos. Pensar criticamente e agir criativamente é dominar conhecimentos específicos, além de problematizar e facilitar o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para se atuar na sociedade em rede, com o uso de diferentes mídias, linguagens e tecnologias. (OLIVEIRA, 2017, p. 6)

Rojo (2012) explica a necessidade de incluir a pedagogia dos multiletramentos na escola, mesmo sabendo que as novas gerações já lidam com esses dispositivos, tecnologias e ferramentas com certa fluência. Para isso, ela cita Lemke (2010[1998]: s.d.), que fala sobre a necessidade de pensar sobre como as tecnologias de informação e comunicação digitais podem mudar a maneira como ensinamos e aprendemos. Ela reforça que pode ser mais interessante que o professor saiba utilizar os recursos tecnológicos ao seu favor na sala de aula, a partir da comunicação, navegação e pesquisa, por exemplo, do que tentar impedir/disciplinar seu uso.

3. **Ciberespaço** para o filósofo e educador Pierre Lévy é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. O ciberespaço requisita uma comunicação interativa e comunitária, a qual, por sua vez, possibilita a abertura para a criação de um tipo de inteligência que se torna coletiva. Daí o surgimento de um novo modo de cultura baseado na troca informacional e interativa do ciberespaço, a cibercultura. (LÉVY, 1999, p. 17)

Sousa (2019) aponta que ao introduzir os multiletramentos na sala de aula, o professor poderá lançar mão de diferentes possibilidades de atuação além de alcançar a todos os alunos, através de metodologias inclusivas.

Conforme Rojo (2012), não se trata de uma regra que o trabalho com os multiletramentos inclua o uso de tecnologias digitais, mas é o que normalmente ocorre e a sua característica é a possibilidade de partir das culturas de referência de cada aluno, além dos gêneros, mídias e linguagens que ele conhece.

Um exemplo de uso dos multiletramentos na sala de aula é dado por Ferraz (2019), quando fala dos textos digitais. Ela aponta algumas características destes textos, conforme sua natureza:

- **multimodal:** apresentam-se a partir da linguagem verbal e não verbal;
- **multissemióticos:** exibem-se por meio de imagens, sons, movimentos, cores, efeitos etc., ou seja, possui várias linguagens integradas.
- **multimidiáticos:** convergem para e por diversas mídias.

Nesse sentido, a autora afirma que ocorreram transformações significativas nos métodos de leitura dos textos presentes no ambiente digital. No entanto, para que os indivíduos possam interagir de forma autônoma com esses textos, é essencial aprimorar o **letramento digital**.



Entende-se que o **letramento digital**, capacidade básica para a interação com os multiletramentos, é condição essencial para a atuação docente em seu contexto educacional, tendo em vista que a tela do computador, celulares, tablets etc. contém estruturas textuais que fazem parte da dinâmica de leitura dos alunos. E, para que o aluno possa dialogar com a diversidade textual da atualidade, é necessário que esses textos circulem na sala de aula, aproximando essas ações textuais às que fazem parte da vida do aluno, cotidianamente. (FERRAZ, 2019, p. 232)

Em consequência, Rojo (2006) destaca a importância de encarar as conexões entre as diferentes formas de linguagem de maneira dinâmica e relacionada para que o professor consiga capacitar os alunos a terem habilidades nas práticas de leitura, escrita e oralidade no que se refere aos letramentos múltiplos e multimodais, que são tão pertinentes nos dias atuais, para o exercício da cidadania e também de práticas culturais.

Zacharias (2016) ressalta a presença marcante da cultura do impresso nas escolas e isso torna-se necessário, porém, trazer o universo digital para a sala de aula não resulta na exclusão de produções e textos impressos, mas na sua articulação.

Fica explícito, então, a relevância e pertinência de os professores pensarem sobre possíveis mudanças em sua prática pedagógica, visando preparar os alunos para lidar com a diversidade de linguagens e mídias da sociedade contemporânea, de forma reflexiva e crítica. A escola deve assumir o papel de valorizar e viabilizar a pedagogia dos multiletramentos.



# 4. Alfabetização e letramento matemático

**Autora: Silvana Claudia dos Santos**

## Objetivos:

- Conceituar alfabetização matemática na perspectiva do letramento;
- Promover a reflexão sobre o ensino de matemática e as demandas atuais de formação docente.

Nos diferentes contextos educacionais, quando se fala em Alfabetização e Letramento, é possível observarmos que tais conceitos vêm, quase sempre, associados às habilidades de leitura e escrita no âmbito da língua materna, no nosso caso, a Língua Portuguesa. Contudo, esperamos que a partir dos estudos anteriores, tenha sido possível para você perceber que a Alfabetização e o Letramento podem envolver diferentes campos do saber, não ficando limitados aos aspectos relativos à apropriação da leitura e da escrita na língua materna, certo?

Ao abordarmos os multiletramentos e as múltiplas linguagens em sala de aula, por exemplo, você deve ter notado que existem habilidades básicas de leitura e escrita, com as quais consideramos as diferentes formas de linguagem e os diversos contextos em que elas são utilizadas. Pois bem, não poderia a matemática ser vista como uma linguagem com características próprias para comunicar e explicar diferentes fenômenos, contextos, situações e nos possibilitar a compreensão e resolução de problemas diversos? Nós acreditamos que sim! Caso você concorde conosco, entenderemos que é possível considerarmos, também, a Alfabetização e o Letramento como processos de apropriação da leitura e escrita matemática, no sentido da produção, compreensão e uso social de conhecimentos matemáticos.

Educadores matemáticos como Ole Skovsmose (2001) alertam que alfabetizar, sobretudo na matemática, não consiste apenas em uma competência relativa à habilidade de leitura e escrita. Para ele, alfabetizar precisa envolver uma dimensão crítica. No que se refere à Matemática, Skovsmose (2000) destaca a necessidade de que se estabeleça, na sala de aula, um cenário de investigação, por meio de propostas significativas e desafiadoras, nas quais os alunos atuem de maneira reflexiva, buscando construir as suas compreensões acerca dos temas trabalhados. Essa perspectiva tem como premissa a visão que temos da Matemática em si, uma vez que partimos do princípio de que ela pode ser compreendida como uma forma de linguagem.

Para nós, a Matemática, concebida enquanto uma linguagem, pode contribuir para a “leitura do mundo”, ou seja, abarca conhecimentos necessários para ler, compreender e agir de forma consciente no mundo em que vivemos. **Paulo Freire já nos dizia que há uma forma matemática de estar no mundo .**



Para compreender a visão de matemática de Paulo Freire não deixe de assistir a entrevista concedida por ele ao importante educador matemático Ubiratan D'Ambrosio e para a professora Maria do Carmo Domite, em 1996. Vale a pena! Clique para assistir: <https://www.youtube.com/watch?v=245kJbsO4tE>

Diante disso, ela deve ser considerada no processo de Alfabetização e Letramento em seus diferentes níveis. Você já havia pensado deste modo? Que visão de matemática vem permeando a sua prática como professora que, além de outros componentes curriculares, ensina matemática também?



### Saiba mais!

Para saber sobre como a visão que os professores têm da matemática pode influenciar o modo como ensinam, leia o artigo de Roberto Antônio Marques, publicado em 2006, no Boletim de Educação Matemática. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1875>

No que diz respeito aos conceitos de Alfabetização e Letramento no âmbito do ensino e da aprendizagem de Matemática, diferentemente do que apresentamos anteriormente acerca dos estudos já consolidados em relação à leitura e à escrita de línguas, não há consenso na literatura sobre as distinções entre ambos os conceitos, sendo que em certas ocasiões eles são adotados como sinônimos. Quando isso acontece, o conceito de Alfabetização Matemática é apresentado na perspectiva do letramento.

Na tentativa de compreender o que vem a ser Alfabetização e Letramento matemático, Samira Bahia e Castro, em 2020, publicou um estudo de algumas definições trazidas por representantes da Educação Matemática. Segundo a autora, é possível se fazer uma analogia conforme a diferenciação entre alfabetização e letramento proposta por autoras como Magda Soares. Tomando, então, como referência o que já explicamos sobre a diferença de cada um desses conceitos no campo da língua materna, alfabetização matemática poderia se referir à aprendizagem de números e formas geométricas, modos de resolver operações básicas a partir de processos mecanizados, focados na técnica (decodificação); já o letramento matemático envolveria a compreensão, o entendimento das regras, técnicas, estruturas matemáticas e a capacidade de se apropriar dos conteúdos relacionando-os com o cotidiano (CASTRO, 2020).

Mas, como já pontuamos, a própria autora explica que essa diferenciação nem sempre aparece na literatura de forma explícita. Nesse sentido, ela cita uma das primeiras pesquisadoras que investigou sobre o tema no Brasil. Estamos falando de **Ocsana Sonia Danyluk**.



**Ocsana Sonia Danyluk:** A sua pesquisa de mestrado em educação matemática, intitulada "Um estudo sobre o significado da alfabetização matemática" foi publicada em 1988 pelo Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP. Em 1997, ela realizou doutorado em Educação pela UFRGS, cuja tese teve como título "Alfabetização Matemática: a escrita da linguagem matemática no processo de alfabetização".

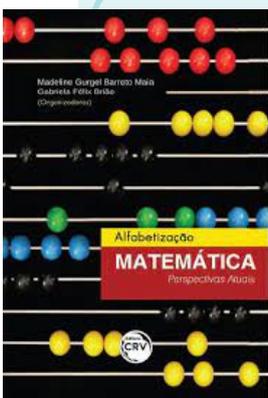
A pesquisadora comenta que o termo **Alfabetização Matemática** se refere ao ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na linguagem matemática, usada nos primeiros anos escolares. Mais precisamente, ela explica que a Alfabetização Matemática consiste em:



[...] um fenômeno que trata da compreensão, da interpretação e da comunicação dos conteúdos matemáticos ensinados na escola tidos como iniciais para a construção do conhecimento matemático. Ser alfabetizado em matemática, então, é compreender o que se lê e escrever o que se compreende a respeito das primeiras noções de lógica, de aritmética e geometria. Assim, a escrita e a leitura das primeiras ideias matemáticas podem fazer parte do contexto de alfabetização (DANYLUK, 1997, p. 12).

A sua pesquisa de mestrado em educação matemática, intitulada “Um estudo sobre o significado da alfabetização matemática” foi publicada em 1988 pelo Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP. Em 1997, nessa mesma instituição, ela realizou seu doutorado, cuja tese teve como título “Alfabetização Matemática: a escrita da linguagem matemática no processo de alfabetização”.

E aí? A partir dessa exposição feita por Danyluk (1997), como você está elaborando o que pode ser visto como alfabetização matemática? Esse entendimento trazido por ela não estaria mais próximo do que compreendemos por letramento matemático? Bem, conforme o que acabamos de ler e analisar deste trecho da autora, parece-nos que se trata de uma visão de alfabetização matemática que dialoga com as noções de letramento e, portanto, um letramento matemático. Essa nossa análise se sustenta no fato de que a visão de Alfabetização Matemática trazida por Danyluk (1997), e utilizada por outros autores, vai além da decodificação, aplicação de regras, emprego de técnicas operatórias, por exemplo. Comungamos dessa abordagem, uma vez que, para nós, a alfabetização matemática não precisa estar dissociada do letramento, mas ao contrário, pode se desenvolver, totalmente vinculada à compreensão, apreensão de sentidos e significados, bem como ao papel social da matemática sob um olhar crítico e emancipador.



### Sugestão de leitura

No livro “**Alfabetização Matemática: perspectivas atuais**”, publicado em 2017, é apresentada uma coletânea de artigos organizada por Madeline Grugel Barreto Maia e Gabriela Félix Maranhão, há posicionamentos distintos.

No texto de Maia e Maranhão (2015, p. 937), desta coletânea, por exemplo, parece haver uma diferenciação entre os termos alfabetização e letramento, bem próximo do que já nos explicou Magda Soares. Para essas autoras, a alfabetização matemática consiste no “[...] domínio de códigos e símbolos no processo de leitura e escrita [matemática]”, já o letramento matemático se relaciona à capacidade de compreender o que está sendo feito, além de comunicar “[...] suas compreensões a respeito das primeiras noções de aritmética e geometria” (MAIA; MARANHÃO, 2015, p. 934).

## Curso de Alfabetização e Letramento

Agora, quando analisamos outros textos deste mesmo livro, nem sempre essa diferenciação aparece de forma explícita e o conceito de alfabetização matemática acaba por abarcar a perspectiva do letramento. Há autores na mesma obra que ainda preferem falar apenas em **letramento matemático** para se remeterem ao processo de apropriação da linguagem matemática e seu uso social (LOPES; D'AMBROSIO, 2017). E, ainda, há outros que se referem apenas à **alfabetização matemática** (KINDEL; OLIVEIRA, 2017; CONSTANT; PINTO, 2017). De todo modo, em todos os casos há uma compreensão de matemática como ciência que possui múltiplas dimensões: histórica, social, política e cultural. Diante da polissemia que parece existir na literatura em relação à alfabetização e letramento matemático, optamos por utilizar apenas o termo alfabetização matemática. Contudo, toda vez que apresentarmos desta forma, ela será compreendida na perspectiva do letramento.

Essas conceituações emergem das discussões relacionadas à uma educação crítica. Isso engloba a ideia de que as aulas devem ser espaços para investigação, visando à construção dos conhecimentos pelos alunos, que são constantemente mediados e desafiados pelo professor. Além disso, mesmo no campo da educação matemática, essa discussão vai além do processo de ler e escrever matematicamente. Alrø e Skovsmose (2010, p. 59) argumentam sobre a importância de o professor mediar os processos de ensino e de aprendizagem, convidando os alunos para esses momentos de investigação, visando despertar seu interesse e estimular a colaboração entre eles.

Em Skovsmose (2001), o autor já destacava que a Alfabetização Matemática pode ser entendida como uma forma de compreender os conhecimentos matemáticos de maneira crítica e reflexiva, incorporando aos conhecimentos escolares, as práticas vivenciadas pelos alunos e alunas em diferentes instâncias. Deste modo, ao pensar na Alfabetização Matemática relacionada com a construção crítica dos saberes, o autor ressalta que essa pode ser compreendida como um “[...] projeto de possibilidades que permitam às pessoas participar no entendimento e na transformação de suas sociedades e, portanto, a alfabetização matemática viria a ser um pré-requisito para a emancipação social e cultural”. (SKOVSMOSE, 2001, p. 67).

Ainda hoje observamos que estudantes, famílias e até mesmo professores e a sociedade em geral possuem, por vezes, uma visão negativa em relação à Matemática ou, ainda, de que trata-se de uma área de difícil compreensão, muito embora esses mesmos atores sociais reconheçam que os conhecimentos matemáticos sejam fundamentais para viver no mundo.



### Sugestão de leitura

Sobre esse aspecto, no livro “A Matemática nos anos Iniciais do Ensino Fundamental: tecendo fios do ensinar e aprender”, as autoras argumentam que: O mundo está cada vez mais matematizado, e o grande desafio colocado à escola e aos professores é construir um currículo de matemática que transcenda o ensino de algoritmos e cálculos mecanizados, principalmente nos anos iniciais, onde está a base da alfabetização matemática (MENGALI; NACARATO; PASSOS, 2009, p. 32).

Nas mais diversas pesquisas realizadas por educadores matemáticos, assim como nas falas e reações das pessoas no cotidiano, não se nega, em momento algum, a importância da Matemática como área presente e necessária para a vida. Porém, não se nega, também, os desafios para a sua aprendizagem, de modo que ela é vista como privilégio de poucos. Os bem sucedidos nessa área são vistos, em muitos casos, como seres dotados de altas habilidades capazes de realizar cálculos com facilidade. Nesse caso, a Matemática acaba por ser reduzida à mera técnica, números e cálculos, desconsiderando toda sua dimensão histórica, social e cultural.

Nesse sentido, Nacarato, Mengali e Passos (2009) acreditam que apenas as competências de cálculo não bastam! Já temos pesquisas que nos fornecem indícios, além da nossa própria experiência em sala de aula como professoras que ensinam matemática também, de que a aprendizagem matemática não ocorre por repetições e mecanizações, mas consiste em uma prática social que requer envolvimento do aluno em atividades significativas. Segundo essas mesmas autoras, a aprendizagem matemática ocorre por meio de um processo gradual, que exige o estabelecimento de relações. A cada situação vivenciada, novas relações são estabelecidas e novos significados e sentidos vão sendo produzidos.

Outro elemento que pode se entrelaçar a esse debate, são as legislações brasileiras. Nesse sentido, o Ministério da Educação divulgou, em dezembro de 2012, um documento denominado “Elementos Conceituais e Metodológicos para a Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental”. Esse documento ressaltava, assim como outros também o fazem, que a criança tem contato com os saberes matemáticos desde muito cedo, nas suas interações sociais, nas brincadeiras, etc. Detendo-nos neste documento em particular, são atribuídas algumas características à Alfabetização Matemática. Nele, a Alfabetização Matemática é conceituada como um “processo de organização dos saberes que a criança traz de suas vivências anteriores ao ingresso no Ciclo de Alfabetização” (BRASIL, 2012, p. 60). Deste modo, esperava-se que ela tivesse condições de construir um corpo de conhecimentos matemáticos articulados que pudessem contribuir com a sua vida em sociedade.

Segundo esse mesmo documento, trata-se de um processo longo que deve permitir à criança se apropriar de ideias matemáticas para compreender o mundo em que vive, além de potencializar a sua capacidade de resolver problemas da vida cotidiana. Ainda com base nesse documento (BRASIL, 2012), reiterou-se que, pautado na Alfabetização Matemática, o professor não deve antecipar as respostas de seus alunos, mas propor situações de reflexão, com as quais os alunos e alunas pudessem questionar e desenvolver os conhecimentos da Matemática.

Mais recentemente, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), que regulamenta o processo de ensino e de aprendizagem em nível nacional, a Alfabetização Matemática, como conceito, sequer é mencionada no texto. Contudo, um fato importante presente na BNCC é o que chamava-se de Ciclo de Alfabetização, período destinado a consolidação de conhecimentos essenciais na primeira etapa do Ensino Fundamental, que deve ser contemplado apenas pelos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. Contudo, para nós, a Alfabetização Matemática, na perspectiva do letramento, consiste em um processo contínuo e progressivo que se estende ao longo de todos os anos iniciais e vai se ampliando nos anos posteriores, de modo a tornar o estudante cada vez mais autônomo e consciente do papel dos conhecimentos matemáticos no seu cotidiano e capaz de agir criticamente no mundo a partir da apropriação de tais conhecimentos.

## Curso de Alfabetização e Letramento

Apesar dessas considerações, como o ensino de matemática tem ocorrido nas escolas? Pare, pense e responda: suas aulas de matemática têm promovido a emancipação dos estudantes? Elas têm possibilitado o desenvolvimento do pensamento crítico?

Faça um breve relato sobre como têm sido suas aulas de matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental para que possamos pensar a nossa prática pedagógica em relação às possibilidades e desafios com os quais nos deparamos cotidianamente.

---

---

---

---

---

---

Não restam dúvidas de que há experiências no ensino de matemática extremamente potentes e bem sucedidas. Entretanto, ainda temos muito o que avançar, pois alguns desafios são recorrentes, não é mesmo? Veja bem, há mais de duas décadas, Skovsmose (2000) analisou as aulas de Matemática que se mostravam como as mais frequentemente desenvolvidas e destacou que ocorreriam dois momentos principais nessas aulas: a exposição dos conteúdos por parte do professor e a resolução de exercícios por parte dos alunos. Agora, perguntamos: esse modelo de aula não estaria presente até hoje em nossas escolas?

Pois é, essas aulas, que seguem a estrutura: exposição do conteúdo para, posteriormente, a apresentação de exemplos e proposição de exercícios repetitivos, resistem em nosso cotidiano escolar, muito embora propostas oficiais, pesquisas em educação e educação matemática, além de diversas experiências exitosas nos indiquem outros caminhos mais criativos e interessantes. Skovsmose (2000) considera que o ensino de Matemática que toma por base esses momentos, vive o que ele chamou de “paradigma do exercício”, baseado, muitas vezes, nas atividades propostas no livro didático, o qual, em diversos casos, é formulado por pessoas de fora da escola, que não conhecem aquela realidade. Além disso, quando falamos em livro didático de matemática, cabe destacar que os professores, principais agentes da mediação do conhecimento a partir deste recurso, nem sempre participam democraticamente da escolha do livro a ser adotado pela escola em que atuam.

### Saiba mais!

Se você deseja aprofundar seus estudos sobre o papel do livro didático de matemática nos processos de ensino e aprendizagem, não deixe de ler o artigo “Livros didáticos e formação de professores que ensinam Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental” publicado em 2014 por Gláucia Marcondes Vieira e Maria Laura Magalhães Gomes no periódico *Educar em Revista*. Link de acesso: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/34325/23922>

O que queremos chamar atenção é para o fato de que a “relevância dos exercícios não é parte da aula de matemática em si mesma”, mas sim uma indicação feita por alguém externo ao contexto escolar. (SKOVSMOSE, 2000, p. 67). Não se trata de fazer uma crítica ao livro didático no sentido de supor a sua ineficácia ou de afirmar que ele possa ser considerado dispensável. Ao contrário, acreditamos que este consiste em um dos principais recursos didáticos utilizados pelos professores e que representam uma conquista em termos das políticas de acesso ao conhecimento. Por outro lado, destacamos que tal recurso deve ser constantemente objeto de análise e crítica dos professores, os quais precisam ter protagonismo no que se refere à escolha do livro didático para a realidade em que seus estudantes estão inseridos. Nossas vivências têm nos apontado que, quando isso não acontece, o ensino de matemática se desenvolve de modo descontextualizado e os alunos e alunas acabam não compreendendo o porquê de aprender certas ideias matemáticas e apenas reproduzem o que é dito e feito pelo professor. Este, por sua vez, tende a apenas replicar os conteúdos abordados no livro didático e a propor os exercícios de fixação indicados neste material. O que você acha de tudo isso? Como tem sido a escolha do livro didático na sua escola? Qual tem sido a sua participação nesse processo? E como ocorre o uso deste recurso em sala de aula por você? Você já parou para pensar no papel do Livro didático em suas aulas de matemática?

Sobre isso, Maia e Maranhão (2017) relatam que, mesmo com o desenvolvimento da ideia da Alfabetização Matemática, ainda é comum que vejamos trabalhos limitados sendo realizados no ensino de Matemática e que visam apenas o desenvolvimento da contagem e da realização de operações matemáticas, sem pensar na reflexão sobre esses momentos e na importância de um trabalho contextualizado às vivências dos alunos.

Diante das reflexões aqui apresentadas, como deveria ser o ensino de matemática, sobretudo, nos primeiros anos de escolaridade? Como fazer com que o ensino de Matemática vá ao encontro das práticas sociais dos alunos, que esteja relacionado à sua realidade?

Bom, ao nosso ver, um primeiro passo envolve promover debates consistentes e coerentes com as demandas atuais, dentre elas a importância do desenvolvimento da Alfabetização Matemática na perspectiva do letramento. Nessa perspectiva, estão presentes um conjunto de ideias voltadas para a construção do conhecimento, com participação ativa dos estudantes, que produzem o entendimento acerca de uma matemática que permeia a sua vida e não como algo a apenas ser memorizado, treinado e repetido (FONSECA, 2021). Nesse aspecto, o princípio que tem orientado nossas pesquisas e práticas nos contextos em que estamos inseridas compreende a **alfabetização matemática**, portanto, como uma teoria-prática que se refere tanto à aprendizagem dos aspectos conceituais dos conteúdos matemáticos (da dimensão dos seus fundamentos), quanto aos aspectos procedimentais (da dimensão das estratégias de cálculos, emprego de regras e algoritmos, por exemplo). Trata-se, portanto, de uma visão de alfabetização matemática na perspectiva do letramento. Essa perspectiva embasará o desenvolvimento da discussão sobre o ensino de matemática que abordaremos mais a frente.

# Resumo da unidade

Vimos então, nessa primeira unidade, sobre os fundamentos da alfabetização e letramento, a importância de diferenciar os termos alfabetização, alfabeto, analfabeto, analfabetismo, letramento, letrado e iletrado. Em resumo, a alfabetização se dá pelo ato de alfabetizar. Ser alfabetizado significa que essa pessoa domina a tecnologia da leitura e da escrita, juntamente com todo o seu processo de aquisição. Assim, o letramento vai além de saber ler e escrever, mas de ter a capacidade de utilizar as técnicas de leitura e escrita em diferentes contextos sociais, ou seja, é o próprio uso da língua. É importante lembrar também que o estímulo do aprendizado pode ser feito além da sala de aula e através de diversas atividades e fontes, para desenvolver habilidades nos alunos que os façam ser indivíduos pensantes e reflexivos principalmente em suas funções sociais.

Falamos também sobre o conceito de multiletramentos, que abrange a diversidade de contextos em que aplicamos nossas habilidades de leitura e escrita, levando em consideração as diversas formas de linguagem e os variados cenários nos quais essas habilidades são utilizadas. Os avanços tecnológicos resultaram em transformações nas formas de leitura, promovendo a combinação de diferentes modalidades e formas de expressão textual, como a combinação da escrita, sons e imagens. A escola deve acompanhar as mudanças nos textos contemporâneos, abordando a hipertextualidade e as relações entre diversas linguagens presentes nos textos da hipermídia, possibilitando que os alunos desenvolvam uma postura crítica ao lidar com esses textos. É fundamental que os professores saibam utilizar os recursos tecnológicos a seu favor em sala de aula, ao invés de tentar impedir seu uso, compreendendo que a valorização e viabilização dos multiletramentos na escola é essencial para preparar os alunos para a sociedade contemporânea.

Por fim, aprofundamos sobre os conceitos de alfabetização matemática na perspectiva do letramento e vimos que torna-se fundamental reconhecer que a alfabetização e o letramento desempenham um papel crucial na aquisição das habilidades de leitura e escrita matemática, no que se refere à criação, compreensão e aplicação dos conhecimentos matemáticos na sociedade. Refletimos sobre o trabalho do professor com a matemática e quais são os caminhos a serem seguidos, em busca de vencer os desafios e ir ao encontro das práticas sociais dos alunos.

# Referências bibliográficas

- ALFABETIZAÇÃO. In: Glossário CEALE: Termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores. Universidade Federal de Minas Gerais: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao> Acesso em: 27 mar. 2023.
- ALRØ, H.; SKOVSMOSE, O. **Diálogo e aprendizagem em educação matemática**. Tradução de Orlando Figueiredo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Coleção Tendências em Educação Matemática)
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4ª edição, p. 261-306. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf) Acesso em: 17 julho de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC, dez. 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=12827-texto-referencia-consulta-publica-2013-cne-pdf&category\\_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12827-texto-referencia-consulta-publica-2013-cne-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 17 julho de 2018.
- BUHR P. B. M.; PAIVA, F. T. PODCAST: **Multiplicando a Educação: multiletramentos e suas aplicações**. UFMG, 2021. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598098>. Acesso em: 5 de Maio de 2023.
- CASTRO, S. B. **Entrelaçamentos entre a Formação Docente para o Ensino de Matemática e o Uso das Tecnologias Digitais nos Cursos de Pedagogia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.
- CONSTANT, E.; PINTO, G. M. F. A Alfabetização Matemática na Perspectiva dos Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: experiências do PNAIC no Estado do Rio de Janeiro. In.: MAIA, M. G. B.; BRIÃO, G. (orgs.). **Alfabetização Matemática: perspectivas atuais**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2017.
- COSCARELLI, C. V.; CORRÊA, H. T. **As boas influências: Pedagogia dos Multiletramentos, Paulo Freire e BNCC**. Revista Lin-guagem em Foco, v.13, n.2, 2021. p. 20-32. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/download/5572/4517/22184>. Acesso em: 29 maio 2023.
- ANYLUK, O. S. **Alfabetização Matemática: o cotidiano da vida escolar**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- DANYLUK, O. S. **Alfabetização Matemática: o cotidiano da vida escolar**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

## Curso de Alfabetização e Letramento

- DANYLUK, O. S. **Alfabetização Matemática**: as primeiras manifestações da escrita infantil. 5. ed. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2015. Disponível em: [http://editora.upf.br/images/ebook/alfabetizacao\\_matematica\\_PDF.pdf](http://editora.upf.br/images/ebook/alfabetizacao_matematica_PDF.pdf) Acesso em: 17 jul. 2018.
- FERRAZ, O. (Org.). **Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2019. 250 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30951/3/ed-multiletramentos-tecno-miolo-RI.pdf>. Acesso em: 07 de Maio de 2023.
- FONSECA, K. H. L. **Tecnologias digitais na educação: possibilidades para a formação de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental**. 221 F. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2021.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- KINDEL, D. S.; OLIVEIRA, R. O Uso de Materiais Manipulativos na Alfabetização Matemática. In.: MAIA, M. G. B.; BRIÃO, G. (orgs.). **Alfabetização Matemática: perspectivas atuais**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2017.
- KLEIMAN, Â. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.
- LOPES; C. E.; D'AMBROSIO, B. S. A Insubordinação Criativa para o Letramento Matemático na Infância. In.: MAIA, M. G. B.; BRIÃO, G. (orgs.). **Alfabetização Matemática: perspectivas atuais**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2017.
- McLAUGHLIN, M.; VOGT, M. E. **Portfolios in Teacher Education**. Newark, DE: International Reading Association, 1996.
- MAIA, M. G. B.; MARANHÃO, C. **A Alfabetização Matemática na sala de aula: uma ideia a partir da ampliação do Ensino Fundamental (de 9 anos)**. In.: MAIA, M. G. B.; BRIÃO, G. (orgs.). **Alfabetização Matemática: perspectivas atuais**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2017.
- NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. S.; PASSOS, C. L. B. **A Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- OLIVEIRA, C. A. **Práticas de multiletramentos e tecnologias digitais no ensino de matemática**. 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/download/8537/2843>. Acesso em: 12 de Maio de 2023.
- REGO, L. L. B. **Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias. Conferência apresentada no Seminário Alfabetização e letramento em debate**. Ministério da Educação, Brasília, 2006. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me03176a.pdf>. Acesso em: 30 março 2023.

- REZENDE, F.; COLA, C. S. D. **Hipermídia na Educação: flexibilidade cognitiva, interdisciplinaridade e complexidade.** Revista Ensaio, Belo Horizonte, v. 06, n. 02, p. 94-104, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172004060203>. Acesso em: 30 maio 2023.
- ROJO, R. **As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas - caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale, 2006. Disponível em: <https://livrosabertos.fae.ufmg.br/index.php/produto/as-relacoes-entre-a-fala-e-a-escrita-mitos-e-perspectivas/>. Acesso em 06 de maio de 2023.
- ROJO, R.(Org.). **Escol@ Conect@d@ : os multiletramentos e a TICs.** São Paulo : Parábola , 2013.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SKOVSMOSE, O. Cenários para investigação. **Bolema.** Rio Claro-SP, v. 13, n. 14, p. 66-91, 2000.
- SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática Crítica: a questão da democracia.** Campinas: Papirus, 2001.
- SANTOS, Rosemary Almeida; ARAÚJO, Jefferson Flora dos Santos de; SANTOS, Cícero Gabriel dos. A aquisição da linguagem escrita na educação infantil. In: V Congresso Nacional de Educação, 5., 2018, Recife. **Anais eletrônicos** [...] Pernambuco: Recife, p. 1-12. Disponível em: <https://bityli.com/7yXLFO>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2ª ed., Belo Horizonte, 2001.
- SOARES, Magda. Alfabetização. In: Glossário CEALE: Termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores. Universidade Federal de Minas Gerais: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/alfabetizacao>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- SOUSA, C. E. S. L. **Os multiletramentos como motivadores da prática de leitura em sala de aula.** Fortaleza: SEDUC, 2019. 118 p. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/25458>. Acesso em: 6 de Maio de 2023.
- TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso.** São Paulo: Pontes, 1988.
- TFOUNI, L. V. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Cortez, 1995.
- ZACHARIAS, V. R. C. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). **Tecnologias para aprender.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.



**ALFABETIZAÇÃO**  
*e Letramento*